

Ensino de literatura na disciplina de língua inglesa em turmas de 8º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Fortaleza

Teaching literature in English language subject in 8th grade classes of elementary education in Fortaleza municipal school.

Nivea Thaine Lima Arrais Lemos

Universidade Federal do Ceará

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0739-3483>

Resumo: O ensino brasileiro na rede pública apresenta muitas deficiências já conhecidas por muitos: insuficiência de recursos, desnivelamento dos alunos com suas séries, sistema de avaliação inadequado, dentre outros. O que não colabora muito para melhorar esse cenário é o sistema de ensino de literatura em parte das escolas, voltado para classificações de escolas literárias e informações sobre autores e estilos, desinteressantes para os jovens de maneira geral e separado de qualquer leitura de textos literários no ambiente escolar. Cosson (2006) defende a necessidade da literatura como experiência necessária nas escolas a fim de “tornar o mundo compreensível”. De forma similar, Cândido (1988) assegura que o direito à literatura é tão básico quanto qualquer “bem incompressível” já que garante a integridade espiritual. Este artigo se propõe a, inspirado na sequência básica de Cosson em seu *Letramento Literário: teoria e prática*, refletir sobre a aplicação de uma sequência didática de aulas de literatura a partir do texto de *O coração delator*, de Edgar Allan Poe dentro das aulas de inglês em uma turma de 8º ano de uma escola da rede pública de Fortaleza.

Palavras-chave: literatura, língua inglesa, escola pública, ensino fundamental, Edgar Allan Poe

Abstract: Teaching in the Brazilian public network presents many deficiencies already known to many: insufficient resources, unevenness of students with their grades, inadequate assessment system, among others. What does not contribute much to improving this scenario is the literature teaching system in some schools, focused on classifications of literary schools and information on authors and styles, uninteresting for young people in general and separated from any reading of literary texts in the school environment. Cosson (2006) defends the need for literature as a necessary experience in schools in order to “make the world understandable”. In a similar way, Cândido (1988) assures that the right to literature is as basic as any “incompressible good” as it guarantees spiritual integrity. This article proposes, inspired by Cosson’s basic sequence in his *Letramento Literário: teoria e prática*, to reflect on the application of a didactic sequence of literature classes based on the text of *The Tell-Tale Heart*, by Edgar Allan Poe within English classes in an 8th grade class at a public school in Fortaleza.

Keywords: literature, English language, public school, elementary education, Edgar Allan Poe

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura na escola é um tema problematizado há muito tempo e segue oferecendo muitos desafios para professores e alunos por diversos motivos. Dentre eles, a falta de livros e dificuldade de recursos, o alto volume de conteúdo a ser abordado dentro da carga horária de aula limitada das disciplinas curriculares, o foco em informações de nível histórico e classificações de importância secundária em algumas avaliações importantes de literatura, a falta de interesse dos alunos pela leitura, as dificuldades de nível de leitura dos alunos mesmos nos anos finais do ensino fundamental e médio, principalmente nas escolas públicas. Todos esses problemas já são velhos conhecidos dos professores de linguagem e literatura na escola.

Esses desafios parecem se intensificar ao tratar de literatura em línguas estrangeiras. Inicialmente, há a questão do tempo limitado para diversos tipos de conteúdo, em que a literatura pode ou não ser incluída, dependendo muitas vezes, do interesse do professor. Em seguida, se existe a limitação de livros de literatura nas bibliotecas escolares em língua nativa, essa situação se apresenta de forma muito mais desafiadora para as línguas estrangeiras, em que o material disponível para trabalho de literatura, é, se não inexistente, ao menos insuficiente. A dificuldade de compreensão é outro ponto que se intensifica ao mudar o estudo de literatura da língua materna para a estrangeira, visto que a linguagem literária já costuma ser um empecilho para os leitores inexperientes ou desacostumados, assim, a mudança de língua dos textos costuma apresentar massiva resistência para as pessoas que dizem não ter domínio da língua estrangeira.

Este ensaio se propõe a refletir sobre a inclusão de textos literários dentro das aulas de língua inglesa em três turmas de 8º ano do ensino fundamental em uma escola pública de tempo integral em Fortaleza e algumas possibilidades e desafios, além da análise de um relato de experiência, pensando-se nos pontos positivos e negativos do trabalho desenvolvido a partir da proposta de Rildo Cosson em "*Letramento Literário: teoria e prática*" (2006).

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: SEQUÊNCIA DE AULAS DE LITERATURA NA DISCIPLINA DE LÍNGUA INGLESA

“Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.” (CÂNDIDO, 2011, p. 177)

A inquietação a respeito da necessidade de trabalhar textos literários em sala de aula, colocar as crianças e os adolescentes em contato com diferentes formas de expressão na literatura partiu, acredito que, além do gosto pessoal pela literatura, da experiência no formato de disciplinas oferecido pelo curso de graduação da Universidade Federal do Ceará, nomeadas Inglês - língua e cultura, em que, na minha vivência, o professor sempre procurou inserir trabalhos com livros ou contos, à escolha do aluno a partir de uma lista de sugestões fornecida, que era apresentada ao final da leitura, em forma de apresentação oral. Assim, a mim o ensino da língua desconectado da literatura da língua estrangeira parece ser empobrecido. Mesmo os cursos de inglês costumam inserir livros paradidáticos, trabalhados apenas um por semestre, previamente escolhidos pela coordenação ou pelos próprios professores, trabalhando muitas vezes de forma demasiadamente fraca em primeiro lugar devido à linguagem do livro. Alguns paradidáticos escolhidos para fins de aprendizado de língua trazem uma indicação de nível de dificuldade resultante de um processo de simplificação da linguagem e do texto narrativo original, resultando, na maioria das vezes, em uma história sem graça e desinteressante. Além disso, a forma de abordagem do livro por vezes é feita somente através de fichas de leituras ou apresentações orais dos alunos, que tornam a experiência do texto ainda mais superficial. Apesar dessa má execução da proposta de leitura dentro dos cursos de língua ainda se mantém o interesse de conservá-la. Em minha experiência anterior à do ensino fundamental na prefeitura, não tive tanta dificuldade em inserir leituras nas aulas. Ensinava inglês para crianças de 2 a 5 anos da educação infantil em um projeto bilíngue de uma escola particular de Fortaleza, que segue o modelo construtivista. Para mim, o modelo usado pela escola de trabalhar

com as crianças através de projetos facilitava muito minhas condições, já que possibilitava escolher projetos literários e explorá-los por um tempo maior. Os recursos não eram tão melhores porque a escola ainda estava em processo de construir um acervo literário para o projeto, então, tinha, principalmente, contos de fadas em edições bilíngues. Ainda assim, era possível usar material de meu próprio acervo em turmas bem reduzidas e havia muitos livros em língua portuguesa na sala, que as professoras pedagogas já usavam para trabalhar com as crianças. Dessa forma, era possível apresentar vocabulário tendo auxílio das ilustrações, explorar a imaginação e usar o livro como ponto de partida para explorar objetos que fossem de curiosidade das crianças.

Um dos projetos desenvolvidos com crianças de Infantil II baseado nos contos de fada partiu da leitura de *Chapeuzinho Vermelho*. A partir daí, as crianças eram convidadas a brincar de ser a Chapeuzinho e dizer o que iam fazer, onde estavam, quem iriam encontrar, de que tinham medo, retomando pontos da história. Além disso, o ambiente temático do conto oferecia outras atividades como a de preparar a cesta da vovó e pensar no que ia colocar dentro: “somente alimentos? doces? comidas saudáveis? frutas?”. Depois, baseando-se na versão da história em que se abria a barriga do lobo, propunha-se o que iria encontrar lá, o que o lobo gosta de comer. Assim, a narração de história em língua inglesa para crianças do Infantil pode abrir oportunidade para trabalhar bastante vocabulário, assim como, se esse não for o objetivo, familiarizar as crianças com a escuta da língua através de histórias conhecidas ou não por elas. Em um outro projeto também com turmas de Infantil II, partindo do livro *Black Bird Yellow Sun* de Steve Light (2018) foram reproduzidas imagens com texturas, já que o livro propõe essas pinturas com impressão de relevo. Assim, o desdobramento da leitura foi um trabalho mais sensorial a partir de diferentes texturas, dada a fase de desenvolvimento corporal de crianças entre 2 e 3 anos de idade.

Ao ingressar no ensino de inglês como língua estrangeira no ensino fundamental da prefeitura, entendi como mais necessária ainda a inserção de literatura para os adolescentes como oportunidade de apresentar para eles novas visões, formas de pensamento e uma maior experiência de culturas diferentes das que eles conhecem, bem como novas formas de expressão e ampliação de sua capacidade de entender o mundo. No entanto, pelos desafios já apresentados aqui,

a ideia de propor textos literários na escola pareceu muito mais difícil do que o imaginado. Neste ensaio, será repensado o planejamento inicial para a turma do 8º ano, a fim de encontrar o que deu certo e o que não deu e comparar com o modelo de sequências práticas proposto por Cosson, para levantamento de possibilidades e desafios.

Para a turma citada, foi escolhida e elaborada uma sequência com o conto *The tell-tale heart* (*O coração delator*) de Edgar Allan Poe em paralelo com o vídeo "*The tell-tale heart*" de Annette Jung. As principais justificativas para a escolha deste título foram o fato de o gênero de horror despertar grande interesse entre os alunos e o suporte visual do vídeo de animação, que os permitiria compreender a narrativa mesmo com o áudio em inglês.

Segundo Cosson, "o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação." (COSSON, 2006, p. 54). Assim, a motivação seria imprescindível antes da introdução do texto e seria parcialmente responsável por criar contexto, sentido e interesse dos alunos pelo trabalho que seria feito. Passando daí para a introdução, nesta etapa, os alunos seriam apresentados ao texto, idealmente o livro físico. De acordo com o autor, seria o momento da apresentação do autor e da obra. Entretanto, na descrição da etapa, percebe-se que esse momento poderia ser definido como uma espécie de pré-leitura, que pode ser feita a partir do contato com o texto, em que se oferece aos futuros leitores uma atividade de predição, criação de expectativa sobre o que será encontrado naquele material a partir de informações oferecidas como a edição física do texto, as orelhas, capa, contracapa, possíveis ilustrações, etc.

Para o plano de aula proposto e analisado aqui, não foram elaboradas etapas de motivação e introdução (usando as nomenclaturas de Cosson), exceto por uma breve fala da professora antes da apresentação do vídeo, que foi o primeiro dos dois textos apresentados aos alunos. Nesta fala introdutória, orientou-se que o texto que seria assistido era uma tradução - no sentido semiótico - do conto de Edgar Allan Poe, autor conhecido por seus contos de horror, bem como foi apresentada a criadora da animação. A atividade seguinte foi explicada: os alunos assistiriam ao vídeo, que seria breve, levaria menos de 10 minutos, seria apresentado em língua inglesa e que eles deveriam buscar entender a história a partir dos recursos do

vídeo como as imagens, a entonação das vozes e, antecipou-se que depois, recontariam em grupos a narração com suas próprias palavras. Alguns alunos apresentaram resistência com a falta de compreensão do áudio do vídeo, mas foram incentivados a descrever conforme conseguissem a narração a que assistiram. Os alunos gostaram muito do vídeo, já que o gênero de terror é muito atrativo para sua faixa etária e acharam divertida a etapa de recontar a história porque se animaram elaborando diferentes hipóteses para explicar as relações na história, como dizer que o protagonista era filho do “velho”, ou que ele era cego. Essas hipóteses foram levantadas e os alunos foram deixados com as hipóteses e suas dúvidas para resolverem em futuras etapas da sequência.

Em algumas turmas, na aula seguinte foi solicitado que os alunos escrevessem a narração da história conforme lembravam, como forma de lembrá-la. Alguns alunos deram nomes aos personagens, já que não o haviam identificado a partir do vídeo; outros definiram os personagens a partir de características ou relações como “o baixinho”, “o louco”, “o filho”. Em outra turma, entretanto, fizemos uma contação coletiva da história, com algum aluno começando a história. Foi solicitado que alguém o interrompesse quando discordasse da forma que algum ponto da história foi contado, para assim levantar as diferentes interpretações acerca do enredo. Em alguns momentos, as perguntas que os alunos fizeram foram dirigidas a eles mesmos para continuar a provocá-los em suas interpretações. Antes de passar ao texto do conto de Poe, consideraria outro breve momento de introdução, que aconteceu principalmente com a intenção de desvincular a obrigação de fidelidade do texto do vídeo em relação ao texto escrito. Discutimos em grupo os nomes dos dois autores e sua liberdade de criar uma história a partir da ideia narrativa. Depois, comentamos sobre outros filmes e livros que os alunos conheciam e sobre o limite do autor com o texto elaborado, comentando sobre textos e livros com finais abertos e comentários posteriores à publicação da obra, bem como sobre as diferentes versões de contos de fadas.

Ainda acerca da proposta de Cosson para a etapa da introdução, sugere-se que se apresente o autor e a obra antes da leitura. No meu costume como leitora, muitas vezes, começo os livros sem quaisquer informações sobre o autor ou a narrativa e defendo a experiência de ir ao texto sem informações além da própria apresentação visual do

livro. Normalmente, a curiosidade acerca do autor e outras perguntas são despertadas ao longo da leitura. Assim, a leitura propriamente dita, na minha concepção, é o melhor caminho para introduzir quaisquer estudos oriundos do texto.

Após essa discussão, os alunos acessaram o texto a partir da leitura oral feita pela professora. Sobre este ponto, buscou-se conseguir o texto impresso para os alunos, mas o material não foi disponibilizado, dada a extensão do texto e da quantidade de alunos (3 turmas de 8º ano com a quantidade de 38 a 40 alunos). Da mesma forma, não foi possível conseguir um aparelho de *datashow* para reprodução do texto. Assim, a solução encontrada foi a leitura do texto para os alunos em sala. Antes do início da leitura, foram lembradas as perguntas levantadas pela turma acerca da história, bem como a não-obrigatoriedade de vinculação do texto do vídeo em relação ao texto escrito e vice-versa, apesar de que não parece haver essa expectativa da parte dos alunos de que o texto escrito seja secundário ao vídeo, como há no caminho contrário.

Uma inquietação sobre a leitura propriamente dita ocorreu em relação à língua em que o texto escrito seria apresentado. Decidiu-se usar o texto em língua portuguesa, já que a leitura do texto em inglês sem os recursos complementares de imagens e outros meios como no caso do vídeo, comprometeria quase totalmente a compreensão dos alunos que não tivessem domínio da língua inglesa. Existiu um pensamento inicial de levar trechos do texto original com o objetivo de explorar a língua inglesa a partir do texto, mas algumas questões que foram consideradas fizeram que esse pensamento fosse desconsiderado. Dentre eles, uma questão importante foi a falta de tempo disponível para trabalhar de forma eficiente a língua através do texto literário, trabalho que exigiria muitas aulas a mais. Esse, entretanto, não foi o único motivo de não direcionar o plano de aula nesse sentido.

A reflexão que conduziu a decisão de não trabalhar os trechos do texto original em língua inglesa se deu no sentido de que o trabalho da língua pode ser abordado através de outras metodologias e não pareceu interessante cansar os estudantes trabalhando exaustivamente o texto, causando talvez uma indisposição dos alunos. Ainda nesse sentido, recusou-se o uso do texto literário por uma perspectiva de trabalhar a literatura desvinculada de propósitos instrumentais para ensino da gramática, mas como apresentado

anteriormente o objetivo de inserir mais textos literários nas aulas era, além de torná-las mais prazerosas e interessantes, era promover contato com a cultura inglesa através do texto, ampliar seu conhecimento de mundo, pôr os alunos em contato com novos textos, visões de mundo, estilos de ficção. Assim, a escrita original do conto limitou-se à apresentação de um parágrafo que lemos juntos em sala, mas essa atividade precisaria ser melhor direcionada porque, de forma isolada, não foi significativa para o propósito geral da sequência.

Depois do contato com as duas versões da história, os alunos foram convidados a realizar atividades de escrever a história da forma que quisessem, assim foram escritos textos com base na produção de Annette Jung, bem como no texto de Edgar Allan Poe, além de textos que mesclavam informações das duas fontes e até acrescidos de informações por escolha dos alunos. Além de textos, uma das turmas foi convidada a fazer desenhos inspirados pelos textos apresentados. Sobre a produção de desenhos, algumas respostas interessantes foram apresentadas. Um exemplo disso é que os alunos disseram que o homem no vídeo era pobre, apesar de o espaço narrativo da história ser um casarão. Quando indagados sobre o motivo pelo qual achavam que ele era pobre, disseram que a casa era cheia de casas de aranhas. Fizemos então uma reflexão sobre a simbologia da teia de aranha nas histórias de terror, que os alunos reconheceram ser bastante comum. Assim, nos desenhos foi comum a representação de casas de aranha, como o olho do personagem assassinado, por vezes o olho coberto com teias de aranha.

Depois das fases de introdução, leitura e de retomada do texto, o assunto do gênero conto foi trabalhado em sala, a partir de sua nomeação em inglês, em comparação com o gênero do romance. Foram estabelecidas as diferenças entre eles com o intuito de estipular uma boa compreensão sobre o gênero. Esse estudo conduziu as discussões para o gênero das micro-histórias. A partir daí foram fornecidas aos alunos micro-histórias e proposto que desenvolvessem narrativas. Esse exercício foi importante para que os alunos percebessem a importância de observar com atenção o texto literário. Em seguida, trabalhamos as micro-histórias *"For sale: baby shoes, never worn."* atribuída a Hemingway e *"A história de uma viúva"* (2013) de Joyce Carol Oates através do qual foi feita uma pegadinha, já que a tradução utilizada da história dizia "Eu me

mantive vivo.” apesar de o título da história ser “O primeiro ano da viúva”. Em inglês, a marca de gênero em *alive* não existe, mas usá-la na forma masculina tornou mais instigante para os alunos pensarem em uma possibilidade narrativa que fizesse sentido a partir do texto fornecido pela história e pelo título.

Foram, nesta etapa, realizadas atividades escritas a partir de um questionário sobre as características do gênero conto e de suas diferenças em relação ao romance e de outro sobre questões narrativas do conto “*O coração delator*” de Poe. Como havíamos discutido suficientemente essas questões em aula, os alunos não sentiram dificuldade de responder os questionários. Apesar disso, suas respostas não eram absolutas, já que era permitido que apresentassem diferentes interpretações e visões sobre o conto, como, por exemplo, quando indagados sobre o espaço narrativo da história, que não fica claro no conto, alguns indicavam um hospital psiquiátrico como resposta, outros o casarão do velho, a delegacia, um tribunal. Além disso, outra questão ainda ressaltada a partir do texto foi a do narrador em primeira pessoa e do narrador não confiável. Os alunos trouxeram colaborações de suas experiências com séries, filmes e livros e pensaram na questão da perspectiva de quem contava a história nos casos apresentados.

Por fim, em uma das turmas de oitavo ano foi realizada uma avaliação em que os estudantes deveriam escrever um conto de horror, usando recursos como os observados durante as discussões de sala. Neste momento foi importante a atividade de escrever alguns parágrafos para cópia pelos alunos, porque puderam visualizar, por exemplo, o uso de letras maiúsculas e pontos de exclamação pelo autor, recurso repetido pelos alunos em seus textos, bem como onomatopeias de sons associados ao susto como “BAMMM!”, “BUMMM!”. Esse tipo de avaliação se mostra muito interessante ao fugir da forma de avaliação tradicional da escola, especialmente na disciplina de língua estrangeira e de entregar certa liberdade aos alunos mais que aplicação de regras e memorização. Além disso, eles se empolgam e se divertem durante a produção de seus textos, não há tentativas de pegar a resposta do colega e ficam satisfeitos com o seu trabalho.

No entanto, nesse momento, aparece mais uma vez a dúvida quanto ao uso da língua. Dessa vez, a resposta é mais fácil, já que para o tipo de avaliação escolhido não há a possibilidade de exigir que os alunos escrevam em inglês, porque eles não têm domínio da língua para

isso. Apesar disso, é engraçado perceber que houve tentativas dos alunos de usarem palavras em inglês em seus textos, o que acrescentou um efeito cômico aos textos. Assim, entende-se que o trabalho alcança principalmente o conhecimento cultural e literário oferecido pelo texto, bem como recursos utilizados pelo autor.

Abaixo segue um esquema da sequência seguida para as aulas baseadas nos textos *"The tell-tale heart"* de Edgar Allan Poe e Annette Jung, segundo a sugestão de Cosson. A coluna opção 2 foi usada para quando houve mais uma possibilidade de abordagem dos textos em diferentes turmas. Essa coluna recebe um traço quando o trabalho realizado não teve variações relevantes.

	Opção 1	Opção 2
Motivação	Explicação da atividade antes da apresentação do vídeo. Citar os textos, que o vídeo será assistido em inglês e que depois a história precisará ser contada baseada no que foi assistido. O vídeo de Annette Jung pode ser considerado uma etapa motivacional para o texto escrito.	-
Introdução	Apresentação dos autores. A proposta foi fazê-la depois de lido o texto e assistido ao vídeo por conter informações desnecessárias a uma primeira compreensão da história apresentada. De forma geral não é uma etapa obrigatória, mas acredita-se que seja interessante por conhecimento cultural.	-

Leitura	Apresentação do vídeo pelo suporte das imagens como recurso motivacional para o texto escrito. Leitura em voz alta para a turma.	Projetar o texto e pedir que os alunos leiam coletivamente em voz alta, por ser um texto grande para se conseguir projetar de uma vez só.
Interpretação	<p>Realizado em algumas etapas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Pedir que os alunos recontem a história por escrito; 2. Esclarecer e analisar diferenças entre os dois textos; 3. Ressaltar a não-obrigação de fidelidade em relação ao outro texto; 4. Abordar os gêneros romance, conto (<i>short story</i>) e <i>microfiction</i>, caracterizando-os. 5. Analisar elementos do horror nas duas mídias apresentadas. 6. Propor uma atividade de produção de texto (escrito ou visual) usando recursos estudados. 	<p>Outras atividades sugeridas que podem ser usadas nessa fase:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Pedir aos alunos que façam um desenho que represente o texto e pedir que expliquem. 2. Levantar possíveis contradições ou diferenças de interpretação durante as explicações; 3. Propor questionários abordando questões relacionadas à narrativa para tratar da estrutura do conto; 4. Pedir que contem a história do ponto de vista do personagem antagonista ou de algum personagem secundário. 5. Reproduzir um júri na sala de aula, indicando papéis para que os alunos assumam na dramatização. <p>Podem ser criados personagens extras como um advogado, o psiquiatra do acusado, além do vizinho, dos policiais, etc.</p>

Tabela produzida pela autora.

Dentro do modelo proposto por Rildo Cosson em *Letramento Literário: teorias e práticas*, o texto literário é trabalhado a partir de uma sequência que é composta por

motivação, introdução, leitura e interpretação. No trabalho explanado neste ensaio, as etapas de motivação e introdução aparecem juntas e desenvolvidas de forma breve, com a intenção de evitar que os alunos sejam direcionados por um ou outro aspecto e que a própria novidade do texto fosse responsável por engajá-los na atividade.

A sequência apresentada neste ensaio levou um período médio de um mês para ser executada, com três aulas de 55 minutos em dias seguidos em cada semana. A leitura começou a partir do texto em vídeo produzido por Annette Jung e depois foi para o conto de Edgar Allan Poe através de leitura em voz alta feita pela professora e a partir dela, desenvolveram-se atividades de interpretação e análise voltadas para, em primeiro lugar, a compreensão das versões da história comparativamente, destacando-se suas diferenças e semelhanças. Depois, através de questões como espaço e tempo da narração, tipo de narrador, gênero conto, comparativamente aos gêneros de romance e micro-ficção ou micro-histórias.

O uso da língua inglesa esteve presente no áudio do vídeo apresentado, nos nomes dos conteúdos, na leitura e compreensão de um parágrafo inicial do conto, através de palavras cognatas e conhecidas. Além disso, o texto foi apresentado como literatura em língua inglesa e a vida do autor foi pesquisada e apresentada em sala com o objetivo de traçar paralelos com o texto que pudessem facilitar a compreensão de pontos sobre ele.

CONCLUSÃO

Considero o trabalho realizado bastante positivo no que tange ao interesse e engajamento dos alunos nas aulas de leitura e nas atividades de reconstrução do texto e interpretação. Acredito que um trabalho contínuo com textos da literatura inglesa possibilitaria a inserção de mais exploração da língua estrangeira e da cultura inglesa pelos alunos. Esse trabalho precisaria ser realizado com um suporte de outros meios como vídeos e imagens, a fim de que acontecesse de forma eficaz e sem desinteressar os jovens por um nível de dificuldade elevado. Uma atividade pensada foi trabalhar com línguas mistas e, a partir da compreensão da linguagem do texto, propor uma

atividade de ordenação da sequência cronológica da história ou de relação de parágrafos em português e em inglês.

Acerca das atividades realizadas, acredito que elas poderiam ter acontecido de forma ainda mais lúdica e diversificada. O contexto trazido pelo enredo seria muito propício, por exemplo, para simular um júri em sala de aula. Além dessa possibilidade, os alunos poderiam ser interpelados a contar a história sob o ponto de vista de outro personagem. É inegável que existem inúmeras atividades possíveis a serem exploradas. No entanto, é necessário pensar em qual das possíveis atividades é mais adequada para o momento da execução da proposta de trabalho. Avalio a sequência realizada como feita com boas escolhas para inserir os alunos na aprendizagem de leitura e compreensão, mas que deve ser continuada ao longo dos meses seguintes do ano letivo, de forma a ser potencializada e explorada de forma cada vez mais bem sucedida.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. p. 177. In: __. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

JUNG, Annette. The Tell-Tale Heart. YouTube, 21 de agosto de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wDLLHTdVSgU> Acesso em: 30 de junho. 2023 LIGHT, Steve. Black Bird Yellow Sun. Massachusetts: Candlewick Press, 2018.

OATES, Joyce Carol. A história de uma viúva. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013

POE, Edgar Allan. Contos de imaginação e mistério; prefácio de Charles Baudelaire; tradução de Cássio de Arantes Leite. O coração delator. São Paulo: Tordesilhas, 2012.

POE, Edgar Allan. The Tell-Tale Heart. 1843. Disponível em: <https://poemuseum.org/the-tell-tale-heart/> Acesso em: 30 de junho de 2023.

Recebido em: 13 de Janeiro de 2024

Aceito em: 27 de abril de 2024